

**UFPR- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ -  
LITORAL**

**LUCIANO JOSE LENTSCK**

**A CONTRIBUIÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA A EDUCAÇÃO DO  
CAMPO, NO ASSENTAMENTO CHAPADÃO NO MUNICÍPIO DE  
LARANJAL-PR.**

**NOVA TEBAS**

**2011**

# **LUCIANO JOSE LENTSCK**

**A CONTRIBUIÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO, NO ASSENTAMENTO CHAPADÃO NO MUNICÍPIO DE LARANJAL-PR.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no curso de educação no campo da UFPR- Universidade Federal do Paraná Litoral, como requisito para obtenção de título de Especialista em Educação no Campo, sob orientação da Prof. Dr. **Wagner Roberto do Amaral** .

**NOVA TEBAS**

**2011**

**AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA DESDE QUE CITADA A FONTE.**

**Ficha Catalográfica**

LENTSCK, Luciano Jose.

A CONTRIBUIÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO, NO ASSENTAMENTO CHAPADÃO NO MUNICÍPIO DE LARANJAL-PR.

. Nova Tebas: UFPR, LITORAL, 2011.

24 f.

Artigo apresentado a – Universidade Federal do Paraná – UFPR LITORAL, para obtenção de Título de Especialista em Educação no Campo, 2011.

Orientador: AMARAL, Wagner Roberto do.

1. A contribuição dos movimentos sociais para a educação do campo, no assentamento Chapadão no Município de Laranjal-Pr.

## TERMO DE APROVAÇÃO

LUCIANO JOSE LENTSCK

**A CONTRIBUIÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO, NO ASSENTAMENTO CHAPADÃO NO MUNICÍPIO DE LARANJAL-PR.**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Pós Graduação da UFPR- Universidade Federal do Paraná Litoral – Nova Tebas – PR, como requisitos parcial para obtenção de título de Especialista em Educação no Campo; pela seguinte comissão avaliadora.

### BANCA EXAMINADORA

---

Orientador Prof. Dr. **Wagner Roberto do Amaral**

---

Prof.

---

Prof.

Pitanga, 04 de junho de 2011.

## AGRADECIMENTOS

### **A Deus**

O pai da criação da vida, ser supremo de todas as nações;  
Por me ajudar e conduzir em todos os momentos, principalmente nas horas de aflição.  
Por ter proteção e saúde não só a mim, mas também aos meus familiares;  
Por me guardar nas incansáveis viagens a ser o principal contribuidor dessa minha conquista.

### **Aos pais:**

Meus queridos pais Vanderlei e Reni, que me deram carinho, amor e foram o exemplo que sempre precisei me espelhar para chegar até aqui, amo vocês.

### **Ao orientador**

À Professor Orientador Wagner, meu agradecimento pela paciência em me orientar, sanando minhas dificuldades não medindo esforços na luta para que eu conseguisse acabar esse trabalho com êxito.

## A CONTRIBUIÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO, NO ASSENTAMENTO CHAPADÃO NO MUNICÍPIO DE LARANJAL-PR.

Luciano Jose Lentsck<sup>1</sup>

Wagner Roberto do Amaral<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo versa sobre a contribuição do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) junto a Escola Rural Municipal Munhoz da Rocha que está inserida no Assentamento Chapadão, localizado no Município de Laranjal, Estado do Paraná. Refletimos sobre a política abordada pelo MST no que diz respeito à pedagogia voltada a Educação no Campo na perspectiva de uma escola que faça com que as crianças valorizem o espaço onde vivem e que os conhecimentos adquiridos possam contribuir para uma melhor qualidade de vida a todos.

**PALAVRAS CHAVE:** MST, escola, educação do campo.

---

<sup>1</sup> **Lentsck**, j. Luciano. Graduado em Serviço Social pela Faculdade do Centro do Paraná UCP e Pós-graduado em Educação Inclusiva pela Faculdade Integrada do Vale do Ivai – UNIVALE, Acadêmico em Artes pelo Centro Universitário Claretiano e Acadêmico em Pedagogia pela Faculdade de Pinhais – FAPI.

<sup>2</sup> **Amaral**, R. Wagner. Mestre e Doutor em Educação, professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina. Orientador deste artigo.  
[wbetoamaral@hotmail.com](mailto:wbetoamaral@hotmail.com)

## **ABSTRAT**

This article discusses the contribution of the Movement of Landless Workers (MST) at the Municipal Rural School Munhoz da Rocha which is inserted into the Settlement Plain, located in the Municipality of Laranjal, State of Parana. We reflect on the policy addressed by the MST in relation to pedagogy focused on Education in the Field from the perspective of a school that makes children value the space where they live and the knowledge gained can contribute to a better quality of life for all.

KEY WORDS: MST, school, education in rural areas.

## **INTRODUÇÃO**

O estudo foi realizado por meio deste artigo em uma Escola do Campo onde enfocamos sobre a contribuição dos movimentos sociais da educação no campo, no caso específico uma análise do envolvimento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) na Escola Rural Municipal Munhoz da Rocha, localizada em um assentamento de trabalhadores rurais.

O cenário rural vem se configurando como importante espaço de pesquisas e discussões. Isso se deve ao fato da complexidade dos fenômenos sociais que as populações rurais vêm enfrentando, desde a segunda metade do século XX, em função da degradação propiciada pela penetração do sistema capitalista nos modos de produção dos pequenos camponeses e agricultores.

Entretanto, pesquisas e estudos mais recentes revelam alguns avanços e conquistas, ainda que gradativas, relacionadas à educação campo, ao ressaltar que essa modalidade de ensino deve ser valorizada, dada a riqueza cultural e as especificidades das populações que habitam os territórios rurais. Além disso, a

ampliação e o reconhecimento do direito de todos à educação contribui para tais avanços.

Os movimentos que priorizam uma educação básica do campo, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), objetivam construir processos pedagógicos em que os conteúdos escolares estejam voltados e interligados com a realidade do meio social desses sujeitos e baseado no tipo de cidadão que pretendem formar.

### **A CONTRIBUIÇÃO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO (PPP) DA ESCOLA RURAL MUNICIPAL MUNHOZ DA ROCHA NO ASSENTAMENTO CHAPADÃO NO MUNICÍPIO DE LARANJAL – PR.**

A Escola Rural Municipal Munhoz da Rocha, de Ensino Fundamental de 1º a 5º ano, localizada no Assentamento Chapadão, no município de Laranjal, está situada à aproximadamente 20 km da sede do município. A comunidade está localizada na zona rural do município e sobrevive da agricultura.

A referida Escola tem como instituição mantenedora a Prefeitura Municipal, sendo administrada pela Secretaria Municipal de Educação. Foi fundada no ano de 1974, cuja criação e autorização fez-se através da resolução n.º 750/91 de 28/02/1991 com o nome Escola Rural Municipal Munhoz Rocha.

Atualmente, funcionam no estabelecimento dois turnos com sete turmas seriadas, sendo, no período da manhã, uma turma de 1ª, 2ª, 3ª séries e duas turmas de 4ª série. No período da tarde, uma turma de 1º ano e uma turma de 3º.

De acordo com a Resolução nº 4169/2006 e Lei 11.274 de seis de fevereiro de 2006, tornou-se obrigatória à implantação do ensino de nove anos em todos os estabelecimentos de ensino fundamental das séries iniciais, a partir do ano de 2007, gratuito nas escolas públicas e iniciando-se aos seis anos de idade, tendo por objetivo a formação básica do cidadão, conforme alteração no artigo 32 da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB).

A implantação de uma política de ampliação do Ensino Fundamental de oito para nove anos de duração visa o desenvolvimento global da criança e suas necessidades físicas e psicológicas, situado em sua cultura e em sua comunidade no caso, a partir de uma perspectiva de educação no campo, tem, portanto, objetivos próprios da faixa etária e adequados às necessidades do meio-físico, socioeconômico e cultural.(Projeto Político Pedagógico Munhoz da Rocha).

Uma educação no campo que parte das necessidades e interesses da criança, estimulando sua atividade e o desenvolvimento de sua criatividade, na conquista de sua autonomia.

É importante frisar que o desenvolvimento da criança é um processo cumulativo que agrega todas as experiências vivenciadas pela mesma. No seu contexto, cabe a escola, conhecendo essa realidade, subsidiar teoricamente objetivando o preparo para que posteriormente alcançar um bom êxito.(P.P.P. Munhoz da Rocha).

Os processos de desenvolvimento integral da criança tratam dos aspectos biológicos, psicológicos, socioculturais, ambiente em que vive pelo fato do desenvolvimento depender de fatores externos, é de fundamental importância para que os profissionais que trabalham com as crianças, entendam e saibam lidar com este processo, buscando sempre uma formação que venham ao encontro das necessidades que eventualmente surjam.

A implantação do Ensino Fundamental de oito para nove anos, ampliando desta forma o ensino obrigatório, tem por objetivo assegurar a todas as crianças um tempo mais longo de convívio escolar com maiores oportunidades de aprendizagem.

Os processos educativos requerem alguns principais objetivos, repesando a prática pedagógica:

- Garantir que seja gerador do processo de aprendizagem;

- Estimular a criança a explorar o ambiente e as suas habilidades físicas, motoras e perspectivas;
- Ampliar o conhecimento de mundo da criança, manipulando diferentes materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio;
- Oferecer oportunidades que desafiem o raciocínio e permitem a criança a desenvolver e elaborar hipóteses.
- Ressaltar que a aprendizagem não depende apenas do aumento do tempo de permanência na escola, e sim contribuir significativamente para que os estudantes aprendam mais e de maneira mais prazerosa (P.P.P. Munhoz da Rocha).

As situações vivenciadas pelos educandos do campo têm papel importante na sua formação. Existem atividades que, pela riqueza de possibilidades que representam, precisam ser sistematizadas na proposta de trabalho.

No ensino fundamental de nove anos é necessário elementos como jogos, brincadeiras e rodas de conversas, considerando a importância destes e dos outros processos para esta fase de formação.

Nesse sentido, professores e alunos precisam reconhecer a escola básica como um espaço que contribui na produção de conhecimentos na qual há uma diversidade de idéias e concepções que são discutidas através das mais variadas fontes de informação. Além de fontes escritas (mapas, documentos, jornais e revistas) deve-se trabalhar a fontes orais (depoimentos), visual (pinturas, quadros, fotos, filmes, propagandas, fotografias) e fontes materiais objetos de uso pessoal ou coletivo (P.P.P. Munhoz da Rocha).

O Projeto Político Pedagógico é um valioso instrumento pedagógico que oferece ricas e variadas possibilidades para tornar a aprendizagem mais significativa fazendo uma transposição entre teoria e prática.

Destacamos também que a avaliação é realizada sistematicamente ao longo de toda a ação escolar, possibilitando ajustes constantes e fornecendo elementos para o planejamento da ação educativa. Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Rural Municipal Munhoz da Rocha a avaliação é processo contínuo se constituindo num mapeamento que vai identificando as conquistas e as dificuldades dos alunos em seu desenvolvimento. Ela deve ocorrer sem interrupções ao longo da ação escolar, prosseguindo de uma atividade para outra, de um dia para outro, desenhando uma linha de evolução dos progressos das crianças e refletindo a qualidade do trabalho docente na sala de aula e do trabalho educativo da escola. Os resultados não são somados, mas integrados num *continuum* ação/avaliação/ação. Dessa forma, a avaliação tem um caráter investigativo e processual. Ao invés de estar a serviço, passa a contribuir com a função social da escola que é possibilitar a formação integral do aluno (P.P.P. Munhoz da Rocha).

O processo de avaliação desenvolvido na Escola Rural Municipal Munhoz da Rocha, fornece dados para o aluno, para os educadores e para os pais, permitindo uma análise reflexiva do desenvolvimento da aprendizagem.

A avaliação, assim, precisa adequar-se à natureza dos conteúdos abordados em sala de aula, levando em conta não só os resultados das tarefas realizadas, mas também o que ocorreu no processo.

## **A PROPOSTA DO MST PARA EDUCAÇÃO NO CAMPO NA ESCOLA RURAL MUNICIPAL MUNHOZ DA ROCHA.**

O processo educativo proposto pelo MST está presente no cotidiano dos educandos e pode ser verificado se levarmos em consideração as relações que se estabelecem no interior dos acampamentos e assentamentos, nos propósitos de lutas, nas assembléias, nas mobilizações, nas místicas, nas cirandas e nas reuniões de setores, dentre outras.

Um ideal de coletividade proposto pelo Movimento possibilita demonstrar que a união entre os sujeitos em busca de um mesmo ideal podem ser elementos usados em qualquer circunstâncias quando se trata de alcançar benefícios que auxiliem um grupo ou uma comunidade. Por esse ambiente de interação que o processo pedagógico se faz presente, apresentando-se como amplo e ilimitado.

Nesse sentido, o presente texto procura mostrar como o campo é um espaço educativo, que não se resume meramente a uma educação escolar, mas que faça parte da singularidade que orientou o nosso olhar diante das experiências vividas. Para tanto, utilizaremos três relatos distintos que descreverão o cotidiano e a rotina de algumas áreas que se encontram sob a orientação do MST.

Os processos vividos pelos sujeitos sob a orientação do MST se revelam capazes de promover igualdade, considerando-se uma pedagogia da formação e da organização dos diferentes sujeitos em um espaço de conflito construído.

A presença dos estudantes do próprio movimento enriquece a formação dos mesmos nos seguintes pontos: eles passam por um processo de formação oferecido pelo MST para que possam se adaptar às condições de vida que irão encontrar no acampamento: preparam comida, lavam pratos, banheiros, participam de trabalhos em equipe, moram de forma coletiva, desenvolvem atividades culturais, cantam e fazem reuniões. Essa vivência no acampamento prepara esses estudantes para a forma de morar, de se cuidar, de se manter, para a rusticidade das habitações e mesmo dos trabalhos rurais que devem ser feitos; esse contato os prepara para ter uma experiência mais humana, para reconhecerem a condição do outro, para desenvolver a solidariedade.

A observação metódica do cotidiano dos assentamentos (como as aqui apresentadas e discutidas) propicia aos estudantes a construção de percepções que eles jamais teriam somente em uma sala de aula, de ver/viver cenas e relações ricas em processos educativos não-formais, não-institucionalizados do ponto de vista escolar; essa vivência ensina a eles que, por mais que se observe uma cena, o relato vem marcado pela experiência de quem observa, pela formação que tem o

observador, pelas expectativas (negativas ou positivas) dos fenômenos observados, pelos desejos de quem observa, pelas características e pela história dos locais observados. Relatos permitem que observemos, como seguem, alguns princípios educativos comuns aos assentamentos e que norteiam as ações dos assentados e daqueles que lutam para organizá-los, seja para novas ocupações, seja para se fazerem merecedores da terra conquistada por meio de processos dolorosos de embate com proprietários, órgãos de repressão, para fazer valer o princípio de que todos têm direito à terra e à vida com dignidade.

Denominamos princípios pedagógicos as construções teóricas elaboradas a partir de um conjunto de ações cotidianas estruturadas e estruturantes, levadas a cabo pelo conjunto dos sujeitos que se abrigam sob a bandeira do MST, que possuem visibilidade nas rotinas e se refletem no cotidiano dos sujeitos e em suas ações desenvolvidas de forma individual, junto à família e ao coletivo propriamente dito. Práticas que têm como fim a construção de um espaço mais humano, solidário e coletivo, mas que são, sobretudo, educativas. (Caldart, 1997 p 95).

A percepção no interior dos assentamentos é importante para o aperfeiçoamento das práticas empreendidas pelo Movimento, pois auxiliam aqueles que estão envolvidos cotidianamente numa educação voltada para a realidade do campo e, dessa forma, ficando evidente a visão que se tem da infância e do lugar que a criança ocupa nos assentamentos.

As crianças, no assentamento observado, participam de todas as discussões empreendidas, não sendo delas excluídas e auxiliam nos encaminhamentos. Elas brincam, como observamos, mas também cuidam de atividades rotineiras delegadas por seus pais, que auxiliam no processo de formação desses filhos de trabalhadores rurais, propiciando lições de cooperação e solidariedade.

Ressaltamos que a prática pedagógica dos professores, bem como a condução do processo ensino-aprendizagem na sociedade contemporânea, precisam ter como primícia a necessidade de uma reformulação pedagógica que priorize uma prática formadora, onde a escola deixe de ser vista como uma obrigação a ser cumprida

pelo aluno, e se torne uma fonte de efetivação de seu conhecimento intelectual que o motivará a participar do processo de desenvolvimento social, não como mero receptor de informações, mas como idealizador de práticas que favoreçam esse processo. Segundo Gadotti (2000, p. 37),

Na sociedade da informação, a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral. O que significa servir de bússola? Significa orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer.

Houve uma preocupação em discutir sobre qual tipo de escola buscava-se em prol dos educandos e educandas do campo. Em todas as reuniões do Movimento o centro de discussão girava em torno do mote: uma escola diferente. Com essa adjetivação, acampados e assentados sintetizavam a sua crítica à escola que conheciam: seja aquela em que tinham estudado, seja aquela que seus filhos tinham freqüentado antes do seu engajamento na luta pela terra. O adjetivo também embute um componente utópico, como se fosse a escola que sonhavam para os seus filhos.

Ler documentos do MST que falam sobre educação motiva o leitor a sonhar e desejar participar de toda essa luta. Conforme esses documentos, a educação é entendida como processos de formação da pessoa humana que está sempre ligada com um determinado Projeto Político e com uma concepção de mundo. Ainda, a educação é vista como “uma das dimensões da formação, entendida tanto no sentido amplo da formação humana, como no sentido mais restrito de formação de quadros para a nossa organização e para o conjunto das lutas dos trabalhadores”.(MST, 1996 p. 5).

Os movimentos sociais do campo lutam por uma educação do campo que possibilite a permanência dos jovens no campo e, dessa forma, vai criando em seu interior necessidades produzidas pela união de pessoas que possuem um mesmo objetivo: a luta pela terra, por saúde, educação, e produção.

## METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa que enfocamos neste artigo, foram coletados e analisados dados a partir do enfoque da pesquisa qualitativa uma vez que, segundo Minayo, (1994, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantitativo. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

O universo da pesquisa foi constituído por três sujeitos (uma professora, um líder do assentamento e uma pessoa que faz parte da APMF), todos eles membros ativos do assentamento Chapadão onde esta inserida a Escola Rural Municipal Munhoz da Rocha.

A análise de dados foi realizada com base em um questionário aplicado junto aos citados sujeitos, contendo quatro questões nos quais responderam de forma escrita, que são elas:

- 1) O movimento social deve ter a escola como aliada facilitando a sua conquista?
- 2) A escola contribui para emancipação do sujeito dentro do movimento onde está inserido?
- 3) Os movimentos sociais devem buscar vinculo junto às políticas publicas para melhor articulação no seu funcionamento como saúde, educação, cultura, saneamento básico e outros elementos fundamentais para a vida das pessoas?

4) De que forma os movimentos sociais contribuem para efetivação da educação na escola do campo?

Conhecer as opiniões dos entrevistados acerca da importância de uma educação voltada para o povo do campo, onde a Escola é quem proporciona esse elo, quando todos organizaram-se e lutam coletivamente, a probabilidade de alcançar objetivos almejados é maior.

### **ANALISE DA PESQUISA**

Durante visita à Escola Rural Municipal Munhoz da Rocha do Assentamento Chapadão, foi aplicado um questionário com quatro perguntas para um professor, para o líder do movimento MST no assentamento e para uma pessoa da comunidade membro da APMF. Perguntamos à professora da Rede Municipal de Ensino se o movimento social deve ter a escola como aliada facilitando a sua conquista. Para ela:

Sim, pois a escola tem um papel importantíssimo na formação e compreensão do sujeito, a escola deve transformar os conhecimentos introduzidos a realidade dos educandos.

Perguntamos a o líder do Movimento a mesma pergunta, e para ele:

Isso é uma das formas mais adequada para que possamos trabalhar de uma forma mais unida.

E a mesma pergunta foi feita a uma pessoa da comunidade a para ela:

Com certeza escola e movimento devem ser aliados, pois as conquistas que conseguirem juntos, sendo que ambos fazem parte da mesma comunidade e servira para o bom desenvolvimento de todos.

Destacamos que, no livro “Arquitetos de Sonhos” de Ademar Bogo, esse autor afirma que::

É importante o conhecimento. Dele depende a teoria da organização. Sem teoria não há luta e não se formam movimentos consistentes. A organização é sempre fruto de determinadas causas já existentes que dependem de conhecimentos para que os objetos se transformem em prática. Ou seja, é preciso interpretar e transformar a realidade em objetos imaginados, enquanto nos transformamos juntos. Sendo assim, o ser humano deixa de ser apático perante a realidade e se torna movimento, movimentando-se. (BOGO, 2003 p.209).

Em análise às respostas dos entrevistados, percebe-se que, para eles, escola e movimento social devem estar unidos em prol do desenvolvimento para uma educação no campo voltadas aos interesses da comunidade, em busca de uma formação que auxilie na luta de seus interesses, onde a escola pode ser considerada o espaço principal, sendo ela uma das precursora de políticas públicas voltadas para a educação como um todo. Nessa lógica, Bogo destaca que os sujeitos devem-se buscar conhecimento para que haja organização e seus objetivos de luta sejam alcançados.( BOGO, 2003 p.220)

Perguntamos também a eles se a escola contribuiu para emancipação do sujeito dentro do movimento onde esta inserido?

Para a professora:

A educação pode contribuir para a emancipação ou alienação do ser humano neste aspecto é preciso buscar uma educação que de fato liberte e contribua na formação da consciência.

Já para o líder:

Em todos os aspectos a sujeito esta inserido e é na escola que ele apresenta a maior contribuição para uma emancipação construtivista.

Para a pessoa da comunidade:

Certamente, pois a escola vai muito alem da perspectiva pedagógica sua função social é proporcionar ao sujeito sua emancipação dentro do contexto que esta inserido.

Sendo assim, encontramos no dossiê MST Escola o seguinte relato:

Quando a organização dos sem terra cria em sua estrutura um setor de educação, deixa para trás a concepção ingênua de que a luta pela terra é apenas pela conquista de um pedaço de chão para produzir. Fica claro que está em jogo a questão mais ampla da cidadania do trabalhador rural sem terra, que entre tantas coisas inclui também o direito à educação e à escola. [...] Se pensarmos bem, estamos diante de um capítulo especial da história da educação popular em nosso país. Pais, professores e alunos estão construindo nestes locais uma escola “diferente”, uma escola orgânica à sua organização e aos processos de desenvolvimento rural proposto e implementado pela luta (MST, 2005 p.11).

É preciso desenvolver atividades que auxiliem na formação das crianças e, principalmente, escolarizá-las, para a família poder ficar acampada, afirmando-se sempre que é preciso ter escola para as crianças nos acampamentos. Para Caldart (2004 p. 230),

O terceiro elemento ou circunstância que pressionou fortemente o início do trabalho do MST com a educação escolar foi à iniciativa de mães e professoras (e em alguns lugares de religiosas que viviam nos acampamentos) em levar adiante essa preocupação que aparecia nas famílias sem-terra. [...] Antes mesmo de se começar a

luta específica por escola, às pessoas com certa sensibilidade para essa dimensão da educação passaram a se preocupar com o atendimento pedagógico às crianças (CALDART, 2004 p. 230).

Em análise às respostas apresentadas à pergunta dois, os entrevistados destacaram que a escola vai muito além do espaço acadêmico, explicitando que ela também tem sua função social para a formação do sujeito, podendo contribuir na formação da consciência crítica, de todos os envolvidos. Para Caldart 2004 p. 231, antes mesmo de haver uma escola legalizada em acampamento e assentamento, as próprias comunidades tiveram iniciativas pensando na formação e desenvolvimento das crianças da comunidade.

Perguntamos também se os movimentos sociais devem buscar vínculo junto às políticas públicas para melhor articulação no seu funcionamento como saúde, educação, cultura, saneamento básico e outros elementos fundamentais para a vida das pessoas?

Para professora:

Os movimentos sociais no caso MST devem continuar sua lutas em defesa dos direitos as políticas públicas e de qualidade, oportunizando a garantir acesso a saúde, educação e moradia entre outros.

Já para o líder:

Os movimentos sempre devem estar atuantes e buscando cada vez mais políticas que tragam uma inovação e contribuição para a vida de cada ser humano camponês ou não.

Para a pessoa da comunidade:

Os movimentos sociais devem buscar juntos as políticas públicas e melhorias para sua comunidade, participando ativamente.

Para Touriane, as lutas sociais expressam os conflitos que perpassam as relações de produção dos mesmos: “[...] não há lutas sociais sem liberdade, não há liberdade sem lutas...” (1988, p. 16).

Segundo os entrevistados, para o Movimento o fator primordial para conseguir aquilo que se busca é a organização através de coordenações e lideranças juntos aos órgãos competentes, sendo uma continua luta as políticas públicas, em busca de melhorias em diferentes setores (saúde, educação, assistência social que estão diretamente ligados ao bem estar da população. Para Touriane (1988), as lutas expressam as necessidades da busca de objetivos voltados para os interesses de uma coletividade.

Perguntado de que forma os movimentos sociais contribuem para efetivação da educação na escola do campo e para a professora:

Através de suas lutas pela permanência das escolas no campo. A participação da comunidade no sentido de se sentir parte desta escola.

Para o líder:

Estar em consonância com as transformações da sociedade educacional em tudo que envolve a escola seja na parte externa ou interna e também acompanhar a tecnologia educacional.

Para o representante da comunidade:

Conhecendo o contexto escolar, currículo documentos que rege a escola, participando ativamente da escola.

Dessa forma, devemos destacar que não se pode separar a educação do campo dos problemas reais da realidade do camponês, como bem alerta Roseli Caldart (1997, p 93) numa entrevista onde afirma que, sem educação não pode haver Reforma Agrária no Brasil.

É difícil lutar em favor da natureza, da ética universal do ser humano, como eu a chamo. Só que a história não se faz ao lado de sua vida, nem da minha. Às vezes nem em 100 anos, só em 200. Eu me vejo muito e faço questão de trabalhar numa dimensão histórica em que me perco como indivíduo... A dimensão histórica do meu, do nosso devir, é fundamental para nós. Não é fácil fazer isso... Eles, os Sem Terra, sabem que a educação sozinha não faria a Reforma Agrária. Mas eles sabem que sem a educação também não se faz a Reforma Agrária. (...) O MST não teria a presença que tem se não soubesse disso.

Destacamos que, para os entrevistados, os movimentos sociais contribuem afirmativamente para a efetivação da Escola do Campo através de um trabalho em conjunto entre MST e as instituições de educação escolar devendo estar pautado em documentos que regem a instituição. Para Caldart (1997), a educação no campo é uma luta constante e que sua efetivação é um processo moroso que requer a preocupação de toda sociedade.

Analisando a trajetória da escola destacamos também as dificuldades pelas quais a mesma passou e passa, no que diz respeito ao espaço físico. Em 1994 a escola funcionava em um barraco coberto de palha, mais tarde mudou-se para um galpão na sede da fazenda desapropriada. Depois de muitas lutas junto ao Instituto Nacional Reforma Agrária (INCRA), foi construído o prédio atual, onde está funcionando a escola com espaço físico insuficiente.

O corpo docente era composto por dois professores leigos, contava somente com o suporte da Secretaria Municipal de Educação. Atualmente, a escola conta

com seis professores com formação de nível normal superior e uma direção com graduação em pedagogia. Em se tratando de resultados, houve melhorias, mas tem muito a ser feito ainda.

Essas informações foram conseguidas através de conversas informais com funcionários Municipais que trabalhavam junto a Secretaria de Educação do Município, sendo sistematizadas e inseridas no conjunto dos procedimentos metodológicos adotados para essa pesquisa.

## **CONCLUSÃO**

Quase ao mesmo tempo em que começaram a lutar pela terra, a comunidade do Assentamento Chapadão também começou a lutar por escolas e, sobretudo, para cultivar em si mesmos o valor do estudo e do próprio direito de lutar pelo seu acesso. Quando chegaram no ano de 1994, não havia muita relação de uma luta com a outra, mas aos poucos, a luta pelo direito à escola passou a fazer parte da organização social de massas por uma educação no campo, tornando-se um dos objetivos principais da comunidade. As famílias do assentamento mobilizaram-se pelo direito à escola e pela possibilidade de uma escola que fizesse diferença ou tivesse realmente sentido em sua vida presente e futura.

A comunidade acreditava que se organizar para lutar por escola era apenas mais uma de suas lutas por direitos sociais; direitos que estavam sendo excluídos pela sua própria condição de trabalhador sem (a) terra. Logo, foram percebendo que se tratava de algo mais complexo. Primeiro, porque havia (como há até hoje) muitas outras famílias trabalhadoras do campo e da cidade que também não tinham acesso a este direito. Segundo e igualmente grave, se deram conta de que somente teriam lugar na escola se buscassem transformá-la. Foram descobrindo, aos poucos, que as escolas tradicionais não oferecem uma metodologia diferenciada para sujeitos do campo, ou porque sua pedagogia desrespeita ou porque desconhece sua realidade, seus saberes, sua forma de aprender e de ensinar. Num terceiro, o anseio de uma

escola que seja instrumento de formação de novas lideranças sendo multiplicadores de seus conhecimentos tendo um olhar mais aprofundado, com uma leitura de mundo mais crítica.

## REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

ARROYO, Miguel Gonzalez. CALDART, Roseli Salete e MOLINA, Mônica Castagna. (Orgs). Apresentação. In: **Por uma educação do campo**. Petrópolis-RJ. 2ª edição.

BOGO, Ademar. **Arquitetos dos Sonhos**. São Paulo: Editora Expressão Popular. 2003.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo-SP. 3ª edição. Editora Expressão Popular, 2004.

\_\_\_\_\_, Roseli. **Educação em Movimento. Formação de Educadoras e Educadores no MST**. Petrópolis: Vozes, 1997. 180 p.

GADOTI, Moacir. **Pedagogia da Praxis**. São Paulo-SP. 2ª edição. Cortez-Instituto Paulo Freire, 2000.

MANSUR, Vinicius. AUGUSTO, Danilo. ENFF: Três anos feitos e toda uma história por refazer. In **REVISTA SEM TERRA**. São Paulo – SP. Ano XI – nº 45, junho/julho de 2008. P.17-21.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.), **Pesquisa Social: Teoria, Método, Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOVIMENTO SEM TERRA. Articulação Paranaense: **Por uma educação do campo. As lutas do campo paranaense por Educação.** Porto Barreiro-Pr, 1996.

MOVIMENTO SEM TERRA. **DOSSIÊ MST ESCOLA – Documentos e Estudos 1990-2001.** São Paulo. 2ª edição. Editora Expressão Popular, 2005.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do campo: propostas e práticas pedagógicas do MST.** Petrópolis-RJ. Vozes, 2006.

TOURIANE, Alain. **O pós-socialismo.** São Paulo : Brasiliense, 1988.

VENDRAMINI, Célia Regina. (Org.). **Educação em Movimento na Luta Pela Terra.** Florianópolis-SC. NUP/CED, Série Pesquisa, 2002. Vozes, 2005. p. 09

**P.P.P. Projeto Político Pedagógico - Escola Rural Municipal Munhoz da Rocha (2011).**



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
Setor Litoral

